

Capital e trabalho se unem contra a crise

Empresários e sindicalistas organizam protestos e já dizem que o controle da inflação não basta ao País

ISABEL DIAS DE AGUIAR
e LILIANA PINHEIRO

A queda da inflação deixou de ser considerada uma conquista por alguns empresários e representantes de trabalhadores. A forte redução do nível da atividade econômica e a conseqüente elevação da taxa de desemprego provocou uma onda de protestos com pesadas críticas aos instrumentos de sustentação do Plano Real.

A ênfase dada à política de estabilização econômica leva os representantes de classe a acusar o governo de abandonar as propostas que o levaram ao poder. Para sustentar o real e evitar a alta dos preços, a equipe econômica do governo adota medidas, cujos efeitos imediatos são a transferência de renda e o conseqüente empobrecimento da população.

O desemprego é o principal argumento dos empresários e do movimento sindical, que se unem e prometem subir em palanques para protestar.

A maioria reconhece as excelentes qualidades dos técnicos que compõem a área econômica do governo, mas, segundo o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Mario Amato, está faltando "um clínico geral" capaz de tratar o País como um único organismo que está perdendo a saúde.

Para o presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos (Sindipecas), Paulo Butori, o governo Fernando Henrique Cardoso voltou as costas para os ideais social-democratas. A preocupação com as questões econômicas levou os demais setores do governo ao desprestígio.

O projeto da ministra da Indústria, Comércio e Turismo, Dorothea Werneck, de planejar e executar uma política industrial foi relegado a segundo plano, segundo o presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), Nelson Freire. Suas propostas não são sequer ouvidas pela equipe econômica do governo.

A união entre capital e trabalho só vale para tornar mais sonoros os protestos contra a atual política econômica. Para o presidente estadual da Central Única dos Trabalhadores (CUT), José Lopez Feijó, não é uma união, mas uma aliança que dura enquanto for mantida a política econômica atualmente em vigor, que considera medíocre.

O presidente da Força Sindical, Luiz Antônio de Medeiros, garante que serão feitas tantas manifestações quantas forem necessárias para evitar a recessão. Se mostra disposto a superar as divergências com empresários e outras facções do movimento sindical para sensibilizar o governo.

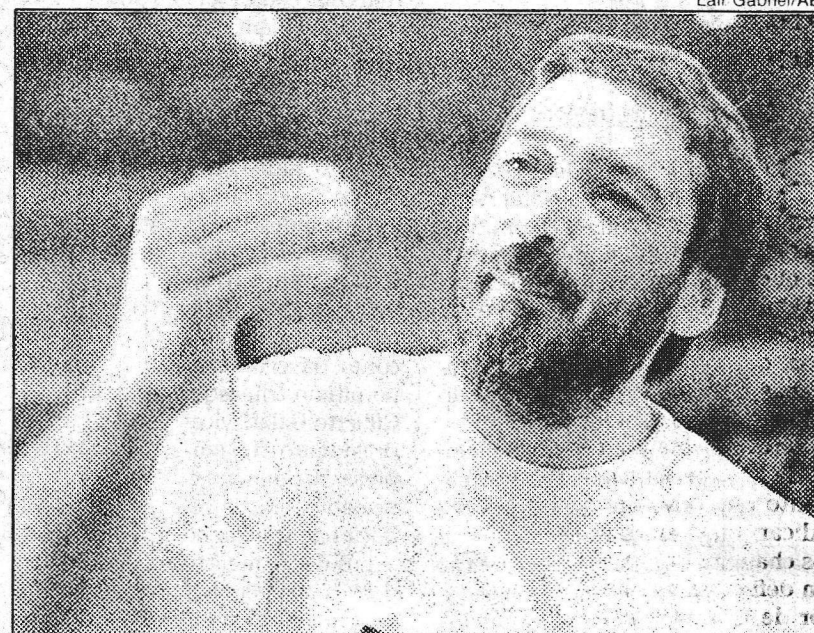
A principal reivindicação dos empresários e líderes sindicais é "mais diálogo". Segundo o presidente da Federação Nacional dos Distribuidores de Veículos (Fenabrave), Sérgio Reze, "os setores não se unem pelo prazer de fazer manifestações". Para Reze, o País não está ainda em recessão.

A queda do nível de atividade está restrita a alguns setores. Mas ele tem a esperança de que sociedade e governo façam com que o País volte a crescer.

DEPOIMENTOS



Ani Vicentini/AE



Lair Gabriel/AE

Governo passou a agir de um modo imperial

"O PNBE estará com a CUT e a Força Sindical em qualquer manifestação e a nossa proposta é que se concentre força num grande ato, que pode ser o do dia 29. Não temos política industrial. O governo deve mostrar transparência e ouvir a sociedade. Estamos vivendo uma recessão e isso não estava no programa do governo, que passou a agir de modo imperial. Se o governo indicar uma perspectiva séria de mudança da política econômica e atenção às nossas propostas, o investimento será retomado."

Jack Strauss, coordenador do PNBE

Empresas reclamam uma política industrial

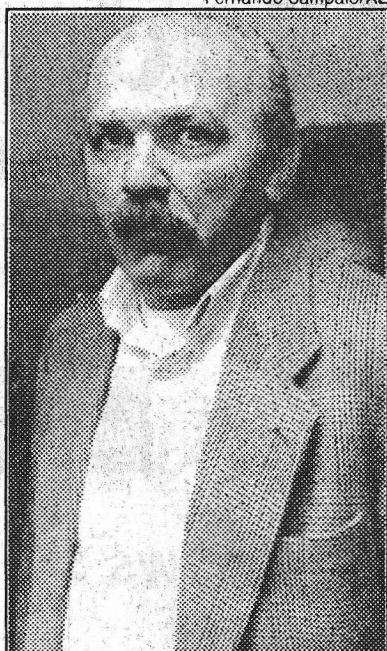
"Não basta subir no palanque. Um movimento de empresários e trabalhadores contra a recessão deve ser reforçado com propostas concretas. É preciso buscar uma solução intermediária, para evitar um sofrimento ainda maior. É preciso reduzir o custo dos encargos sociais. O empregado está custando muito caro para as empresas. As medidas do governo estão concentradas na área econômica. Falta uma política industrial para que as empresas possam se planejar."

Nelson Freire, presidente da Assoc. Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica

Governo necessita executar boas idéias

"O governo tem mostrado boas idéias. Na agricultura, as idéias podem ser consideradas espetaculares. Só falta executá-las. O tempo está passando e nada foi providenciado. É provável que as autoridades contem com uma safra menor no próximo ano para se livrar dos estoques. Alguns técnicos afirmam informalmente que uma produção menor poderá contribuir para elevar os preços e com isso, melhorar a renda dos produtores. Tudo isso é inaceitável, contrário aos interesses do País. Dois anos seguidos de maus resultados causarão danos irreversíveis à agricultura. A união de representantes de diversos segmentos da sociedade dá força às reivindicações. E o governo precisa ouvir os apelos."

Roberto Rodrigues, presidente da Sociedade Rural Brasileira



Fernando Sampaio/AE



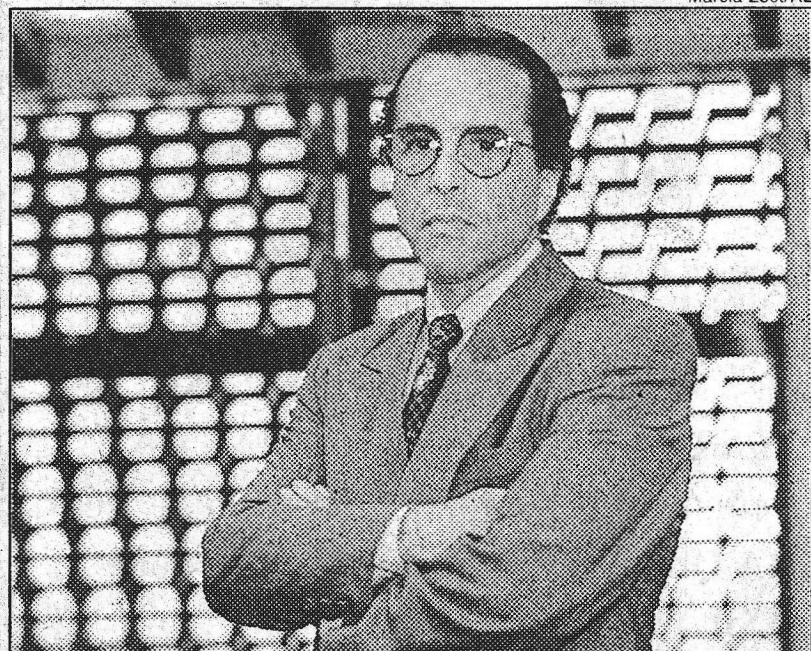
Heitor Hui/AE



Recessão é um preço alto pela estabilidade

"Dia 29 não é ainda o grande ato. Podemos organizar um maior dependendo da união da sociedade e da disposição do governo para mudar algumas coisas e evitar a recessão que já está instalada. A Força Sindical vai participar do ato chamado pela CUT. O governo precisa fazer as reformas, se quiser parar esse processo, e discutir a estabilização com crescimento econômico porque o preço deste modelo está muito alto: a recessão. Capital e trabalho têm princípios para a reforma tributária, para reduzir número de impostos, desonerar folhas de pagamento e motivar a criação de empregos. Quanto tempo vai durar essa união? Sempre existirão as divergências e essa é uma união conjuntural. Baixando juros, aquecendo o mercado e reduzindo o desemprego, cada um pega seu bonê e volta para suas lutas individuais."

Luiz Antônio de Medeiros, presidente da Força Sindical



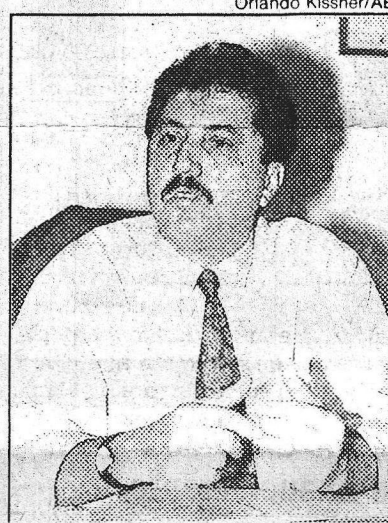
Marcia Zoet/AE

Política econômica do presidente é medíocre

"Quando vejo alguém dizendo que não estamos lutando contra a recessão, mas sim com saúde da inflação, sempre penso: essas pessoas querem inflação zero com uma paz de cemitério? Comemoro também a inflação baixa, mas jamais a queda da atividade econômica e uma política que está aumentando a exclusão social. Não tenho saudade da inflação, mas do emprego, da fábrica que fechou e da loja que quebrou. O ato do dia 29 não é o último. Creio que haverá uma série de outros, até que essa política recessiva seja

mudada e o governo se sente conosco, para discutir indústria, agricultura, reforma tributária, educação, uma política econômica para distribuir renda. Difícil dizer quanto tempo durará esta aliança capital e trabalho. É uma aliança, não uma união. E não é contra um ou outro ministério. Se a política que o presidente trágou é medíocre, teremos uma política industrial medíocre, uma política agrícola medíocre e assim por diante."

José Lopez Feijó, presidente estadual da CUT

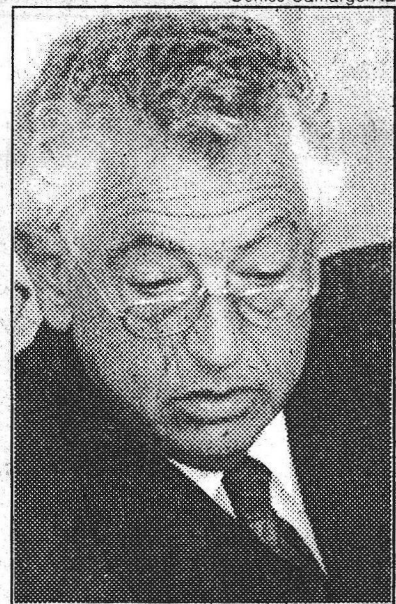


Orlando Kissner/AE

Apenas baixar juros não resolve problema

"A situação está se agravando. Por enquanto, as vendas caíram 10%. Com o desemprego e a inadimplência, não demora muito o trabalhador vai sair rotando, pela absoluta incapacidade de pagar pelos produtos essenciais. Nosso medo é ter de fechar as lojas. Se a produção for incentivada, haverá emprego e renda para aquecer a economia. Baixar as taxas de juros não resolve o problema. A fome não passa. O governo tem de ficar atento. Observar a violência e buscar a sua origem. É muito bom que a inflação tenha caído. Mas isso não adianta nada para quem está desempregado."

Firmino Rodrigues Alves, presidente da Associação Paulista de Supermercados



Denise Camargo/AE

União visa defender criação de empregos

"Fui a quase todos os atos contra a recessão e, se convidado, continuarei comparecendo, até mesmo no da CUT, dia 29. Temos pela frente um segundo semestre recessivo, de desemprego. Não faço críticas a nenhum ministério específico ou à falta de política industrial ou agrícola. Temos que olhar o mercado e os problemas no controle sobre o consumo. O governo deve indicar como será o mercado, apresentar seus planos de médio e longo prazo, ser mais aberto, conversar com a sociedade. A união entre capital e trabalho é conseqüência de um amadurecimento dos dois lados e deve prosseguir, fundamentalmente porque precisamos criar empregos. Esta é a prioridade no País."

Abram Szajman, presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo

Concentração de renda é preocupante

"A sociedade deve se unir para dizer ao governo que as coisas não estão acontecendo como ela deseja. A população elegeu um governo social-democrata, mas o que vemos é desemprego, total ausência de obras na área social e muitas vantagens para o setor financeiro. Há uma brutal transferência de renda. É preciso questionar o ideário do partido. Rever as prioridades e averiguar se o governo tem consciência do enorme sacrifício que está impondo à população para consertar a economia. Não se nota nenhum esforço para conter gastos ou melhorar a eficiência. O governo deveria fazer uma pesquisa para saber se a sociedade está satisfeita. Garanto que não há uma só família que não tenha um de seus membros desempregado. A população deve se mobilizar."

Paulo Roberto Butori, presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos (Sindipecas)